

# o alforge

Votos de Santo e Feliz Natal

ao serviço dos valores e da comunidade

boletim (in)formativo

[www.oalforge.pt](http://www.oalforge.pt)

número 35

dezembro 2023

Arciprestado Seia - Gouveia

distribuição gratuita



**Sínodo:  
Uma nova esperança**



**Laudate Deum:  
Papa Francisco atento às  
necessidades do mundo!**

## Uma Igreja que envolve todos e está próxima das feridas do mundo



**D. Manuel Felício,**  
Bispo da Guarda

Foi publicado o Relatório de Síntese na conclusão da XVI Assembleia Geral do Sínodo sobre a Sinodalidade. Em vista da segunda sessão em 2024, são oferecidas reflexões e propostas sobre temáticas como o papel das mulheres e dos leigos, o ministério dos bispos, o sacerdócio e o diaconato, a importância dos pobres e migrantes, a missão digital, o ecumenismo e os abusos.

Mulheres e leigos, diaconato, ministério e magistério, paz e meio

ambiente, pobres e migrantes, ecumenismo e identidade, novas linguagens e estruturas renovadas, antigas e novas missões (também digitais), ouvir todos e aprofundar - não superficialmente - sobre tudo, mesmo as questões mais "polémicas". Há um olhar renovado sobre o mundo e a Igreja e e às suas instâncias, no Relatório de Síntese aprovado e publicado neste sábado pela XVI Assembleia Geral do Sínodo sobre a Sinodalidade. Após quatro semanas de trabalho, que começaram em 4 de outubro na Sala Paulo VI, o evento eclesial conclui neste sábado, no Vaticano, a sua primeira sessão.

Cerca de 40 as páginas do documento, fruto do trabalho da assembleia que "se realizou enquanto velhas e novas guerras assolam o mundo, com o drama absurdo de inúmeras vítimas". "O grito dos pobres, dos que são obrigados a migrar, dos que sofrem violência ou sofrem as consequências devastadoras das mudanças climáticas ressoou entre nós, não só através da mídia, mas também das vozes de muitos, pessoalmente envolvidos com suas famílias e povos

nesses trágicos acontecimentos", diz o documento (*Premissa*).

A esse desafio e a muitos outros, a Igreja universal tentou oferecer uma resposta nos Círculos Menores e nas intervenções. Tudo foi reunido no Relatório de Síntese, dividido em três partes, que traça o caminho para o trabalho a ser realizado na segunda sessão em 2024.

A sinodalidade é um primeiro passo. Um termo que os próprios participantes do Sínodo admitem ser "desconhecido para muitos membros do Povo de Deus" e "desperta confusão e preocupação em alguns" (1 f), entre aqueles que temem um afastamento da tradição, um rebaixamento da natureza hierárquica da Igreja (1 g), uma perda de poder ou, ao contrário, imobilidade e falta de coragem para mudar. Em vez disso, "sinodal" e "sinodalidade" são termos que "indicam um modo de ser Igreja que articula comunhão, missão e participação". Portanto, uma maneira de viver a Igreja, valorizando as diferenças e desenvolvendo o envolvimento ativo de todos. Começando pelos presbíteros

e bispos: "uma Igreja sinodal não pode prescindir de suas vozes", se lê no documento. "Precisamos entender as razões da resistência à sinodalidade por parte de alguns deles".

Um amplo espaço no Relatório é dedicado aos pobres, que pedem à Igreja "amor" entendido como "respeito, acolhimento e reconhecimento". "Para a Igreja, a opção pelos pobres e descartados é uma categoria teológica antes de ser cultural, sociológica, política ou filosófica", reitera o documento, identificando como pobres também os migrantes, os indígenas, as vítimas de violência, de abusos (especialmente mulheres), de racismo e tráfico, pessoas com vícios, minorias, idosos abandonados, trabalhadores explorados. "Os mais vulneráveis dos vulneráveis, para os quais é necessária uma defesa constante, são as crianças no ventre materno e suas mães", diz o texto da assembleia, que afirma estar "ciente do grito dos 'novos pobres' produzido pelas guerras e pelo terrorismo, também causado por 'sistemas políticos e econômicos corruptos'".



### Ficha Técnica

**Propriedade e Administração:** Arciprestado de Seia e Gouveia

**Equipa Responsável:** Carlos Sousa (Pe.) e Paulo Caetano.

**Colaboradores nesta Edição:** Alice Carla (Dra.), Andreas Lind (Pe.), Anselmo Borges (Pe.), Francisco Ferreira (Eng.), Isabel Viseu (Dra.), Juan Ambrósio (Prof.), Manuel Felício (Dom), Rui Teixeira (Dr.).

**Revisão dos Textos:** Anabela Jorge (Dra.) e Cláudia Lopes (Dra.).

**Morada para Correspondência:** Av. Visconde Valongo, n. 11, 6270-486 Seia

**Contactos:** p.caetano@mail.telepac.pt | [www.oalforge.pt](http://www.oalforge.pt)

**Nota:** Os Textos são da responsabilidade dos próprios autores.

## Uma Igreja que envolve todos e está próxima das feridas do mundo (continuação...)

Compromisso dos crentes com a política e o bem comum. Nesse sentido, exorta-se um comprometimento da Igreja tanto com a "denúncia pública das injustiças" perpetradas por indivíduos, governos e empresas quanto com o engajamento ativo na política, nas associações, nos sindicatos e nos movimentos populares. Sem descuidar da ação consolidada da Igreja nos campos da educação, da saúde e da assistência social, "sem qualquer discriminação ou exclusão de quem quer que seja".

No caminho da unidade dos cristãos. No que diz respeito ao ecumenismo, fala-se de uma "renovação espiritual" que requer "processos de arrependimento" e "cura da memória"; em seguida, cita a expressão do Papa de um "ecumenismo do sangue", ou seja, "cristãos de diferentes pertencas que juntos dão a vida pela fé em Cristo" e se relança a proposta de um martirologio ecumênico. O Relatório também reitera que a "colaboração entre todos os cristãos" é um recurso "para curar a cultura do ódio, da divisão e da guerra que coloca grupos, povos e nações uns contra os outros". Ele não esquece a questão dos chamados casamentos mistos, que são realidades nas quais "podemos evangelizar uns aos outros".

"Os leigos e as leigas, os consagrados e as consagradas, e os ministros ordenados têm igual dignidade": esse pressuposto é reiterado com força no Relatório de Síntese, que

lembra como os fiéis leigos "estão cada vez mais presentes e ativos também no serviço dentro das comunidades cristãs". Educadores na fé, teólogos, formadores, animadores espirituais e catequistas, ativos na salvaguarda e na administração: sua contribuição é "indispensável para a missão da Igreja" (8 e). Os diferentes carismas devem, portanto, ser "evidenciados, reconhecidos e plenamente valorizados", e não menosprezados, apenas suprimindo a falta de sacerdotes, ou pior, ignorados, subutilizados e "clericalizados".

Clericalismo e machismo. Muitas mulheres presentes no Sínodo "expressaram profunda gratidão pelo trabalho dos padres e bispos, mas também falaram de uma Igreja que fere". "O clericalismo, o machismo e o uso inadequado da autoridade continuam a marcar a face da Igreja e a prejudicar a comunhão". É necessária uma "profunda conversão espiritual e mudanças estruturais", bem como "um diálogo entre homens e mulheres sem subordinação, exclusão ou competição".

Diaconato feminino. As opiniões variam sobre o acesso das mulheres ao diaconato: para alguns, é um passo "inaceitável", "em descontinuidade com a Tradição"; para outros, restauraria uma prática da Igreja primitiva; outros ainda o veem como "uma resposta apropriada e necessária aos sinais dos tempos" para "renovar a vitalidade e a

energia da Igreja". Há ainda aqueles que expressam "o temor de que esse pedido seja a expressão de uma perigosa confusão antropológica, aceitando que a Igreja se alinhe com o espírito dos tempos".

Os padres e as mães do Sínodo pedem para continuar "a pesquisa teológica e pastoral sobre o acesso das mulheres ao diaconato", usando os resultados das comissões especialmente criadas pelo Papa e a pesquisa teológica, histórica e exegética já realizada: "se possível, os resultados devem ser apresentados na próxima sessão da Assembleia".

Vida Consagrada. Observando a riqueza e a variedade das diferentes formas de Vida Consagrada, se adverte contra a "persistência de um estilo autoritário, que não abre espaço para o diálogo fraterno". É aqui que se geram casos de abusos de vários tipos contra pessoas consagradas e membros de agregações leigas, especialmente mulheres. O problema "requer intervenções decisivas e apropriadas".

Diáconos e formação. A gratidão é então expressa aos diáconos "chamados a viver seu serviço ao Povo de Deus em uma atitude de proximidade com as pessoas, de acolhimento e de escuta de todos". O perigo é sempre o clericalismo, uma "deformação do sacerdócio" a ser combatida "desde as primeiras etapas da formação", graças a "um contato vivo" com o povo e com os necessitados. Nessa

linha, pede-se também que os seminários ou outros cursos de formação dos candidatos ao ministério estejam ligados à vida cotidiana das comunidades, a fim de evitar "os riscos do formalismo e da ideologia que levam a atitudes autoritárias e impedem o verdadeiro crescimento vocacional".

Celibato. Foi mencionado o tema do celibato, que recebeu diferentes avaliações durante a assembleia. "Todos", pode-se ser no Relatório, "apreciam seu valor profético e o testemunho de conformação a Cristo; alguns se perguntam se sua adequação teológica com o ministério sacerdotal deve necessariamente se traduzir na Igreja latina em uma obrigação disciplinar, especialmente onde os contextos eclesiais e culturais o tornam mais difícil. Esse não é um tema novo, que precisa ser aprofundado".

Formação (PARTE III). Em seguida, pede-se uma "abordagem sinodal" para a formação, recomendando, antes de tudo, "aprofundar o tema da educação afetiva e sexual, acompanhar os jovens em seu caminho de crescimento e apoiar o amadurecimento afetivo daqueles que são chamados ao celibato e à castidade consagrada". Pede-se que aprofunde o diálogo com as ciências humanas de modo a desenvolver "questões que são controversas até mesmo dentro da Igreja".

## PARTE I – O ROSTO DA IGREJA SINODAL

### do Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – 2023

#### 1. A sinodalidade: experiência e compreensão

##### **Convergências**

Acolhemos o convite a reconhecer com renovada consciência a dimensão sinodal da Igreja. Há testemunhos de práticas sinodais no Novo Testamento e na Igreja das origens. Sucessivamente foram assumindo formas históricas particulares nas várias Igrejas e tradições cristãs. O Concílio Vaticano II “atualizou-as” e o Papa Francisco encoraja a Igreja a renová-las ainda mais. Neste processo, insere-se também o Sínodo 2021-2024. Através dele, o Santo Povo de Deus descobriu que um modo sinodal de rezar, escutar e falar, enraizado na Palavra de Deus e tecido de momentos de encontro na alegria, e por vezes também no cansaço, conduz a uma consciência mais profunda de sermos todos irmãos e irmãs em Cristo. Um fruto inestimável é a acrescida consciência da nossa identidade de Povo fiel de Deus, dentro do qual cada um é portador de uma dignidade que deriva do Batismo e é chamado à corresponsabilidade pela missão comum de evangelização.

Este processo renovou a nossa experiência e o nosso desejo de uma Igreja que seja casa e família de Deus. Os termos “sinodalidade” e “sinodal” estão associados precisamente a esta experiência e a este desejo de uma Igreja mais próxima

das pessoas, menos burocrática e mais relacional, oferecendo, assim, uma primeira compreensão que precisa de encontrar um melhor esclarecimento. É a Igreja pela qual os jovens já tinham dito que ansiavam em 2018, por ocasião do Sínodo a eles dedicado.

O próprio modo como se desenrolou a Assembleia, desde logo com a disposição das pessoas sentadas em pequenos grupos à volta de mesas redondas na Aula Paulo VI, comprável à imagem bíblica do banquete nupcial (Ap 19,9), é representação de uma Igreja sinodal e imagem da Eucaristia, fonte e cume da sinodalidade, com a Palavra de Deus no centro. Dentro dela, culturas, línguas, ritos, modos de pensar e realidades diferentes podem comprometer-se em conjunto e frutuosamente numa sincera procura, conduzidos pelo Espírito.

Entre nós, estavam presentes irmãs e irmãos de povos vítimas da guerra, do martírio, da perseguição e da fome. A situação destes povos, aos quais muitas vezes é impossível participar no processo sinodal, entrou nos nossos intercâmbios e na nossa oração, nutrindo o nosso sentido de comunhão com eles e a nossa determinação de sermos construtores de paz.

A Assembleia falou frequentemente de esperança, cura,

reconciliação e recuperação da confiança entre os múltiplos dons que o Espírito derramou sobre a Igreja neste processo sinodal. A abertura à escuta e ao acompanhamento de todos, também daqueles que sofreram abusos e feridas na Igreja, tornou visíveis muitos que, por muito tempo, se sentiram invisíveis. Há ainda um longo caminho a percorrer até à reconciliação e à justiça, que exige que resolvamos as condições estruturais que permitiram esses abusos e que façamos gestos concretos de penitência.

Sabemos que “sinodalidade” é um termo desconhecido para muitos membros do Povo de Deus, que em alguns suscita confusão e preocupações. Entre os medos, conta-se o receio de que o ensinamento da Igreja seja alterado, afastando-nos da fé apostólica dos nossos pais e traindo as expectativas daqueles que também hoje têm fome e sede de Deus. Todavia, estamos convencidos de que a sinodalidade é uma expressão do dinamismo da Tradição viva.

Sem subestimar o valor da democracia representativa, o Papa Francisco responde à preocupação de alguns, de que o Sínodo se possa tornar um órgão de deliberação por maiorias, sem o seu carácter eclesial e espiritual, colocando em risco a natureza hierárquica da Igreja. Alguns receiam ver-se obrigados a mudar; outros receiam que não

mude nada e que haja pouca coragem para mover-se ao ritmo da Tradição viva. Algumas perplexidades e oposições escondem também o medo de perder o poder e os privilégios que dele derivam. Em todo o caso, em todos os contextos culturais, os termos “sinodal” e sinodalidade” indicam um modo de ser Igreja que articula comunhão, missão e participação. Exemplo disso é a Conferência eclesial da Amazônia (CEAMA), fruto do processo sinodal missionário daquela região.

A sinodalidade pode ser entendida como os cristãos a caminhar com Cristo, em direção ao Reino, juntamente com toda a humanidade; orientada para a missão, ela engloba os momentos de reunir-se em assembleia aos diferentes níveis da vida eclesial, a escuta recíproca, o diálogo, o discernimento comunitário, a criação de consensos como expressão de tornar presente Cristo vivo no Espírito e a assunção de uma decisão numa corresponsabilidade diferenciada.

Através da experiência e do encontro, crescemos juntos nesta consciência. Em síntese, desde os primeiros dias, a Assembleia esteve plasmada por duas convicções: a primeira é que a experiência que partilhámos nestes anos é autenticamente cristã e deve ser acolhida com toda a sua riqueza e profundidade; a segunda é que é necessário esclarecer



## PARTE I – O ROSTO DA IGREJA SINODAL

### do Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – 2023

de forma mais cuidada os níveis de significado dos termos “sinodal” e “sinodalidade” nas várias culturas. Estamos substancialmente de acordo sobre o facto de que, com os necessários esclarecimentos, a perspetiva sinodal representa o futuro da Igreja.

#### Questões a aprofundar

Partindo do trabalho de reflexão já feito, é necessário esclarecer o significado de sinodalidade aos vários níveis, desde o uso pastoral ao teológico e canónico, afastando o risco de que soe demasiado vago ou genérico, ou que pareça uma moda passageira. Do mesmo modo, considera-se necessário esclarecer a relação entre sinodalidade e comunhão, bem como a relação entre sinodalidade e colegialidade.

Emergiu o desejo de valorizar as diferenças na prática e na compreensão da sinodalidade entre as tradições do Oriente cristão e a tradição latina, também no processo sinodal em curso, favorecendo o encontro entre elas.

De modo particular é necessário fazer emergir as múltiplas expressões da vida sinodal nos contextos culturais em que as pessoas estão habituadas a caminhar juntas como comunidade. Nesta linha, pode-se dizer que a prática sinodal faz parte da resposta profética da Igreja a um individualismo que se verga sobre si mesmo, a um



populismo que divide e a uma globalização que homogeneiza e aplanar. Não resolve estes problemas, mas fornece um modo alternativo de ser e de agir, cheio de esperança, que integra uma pluralidade de perspetivas que deve ser ulteriormente explorado e iluminado.

#### Propostas

A riqueza e a profundidade da experiência vivida levam a indicar como prioritário o alargamento do número das pessoas envolvidas nos caminhos sinodais, superando os obstáculos à participação que emergiram até ao momento, bem como o sentido de desconfiança e os receios que alguns desenvolvem.

É preciso desenvolver modalidades para um envolvimento mais ativo de diáconos, presbíteros e bispos no processo sinodal durante o próximo ano.

Uma Igreja sinodal não pode prescindir das suas vozes, das duas experiências, nem do seu contributo. Precisamos de compreender as razões da resistência à sinodalidade por parte de alguns deles.

Por fim, emergiu com força a necessidade de que a cultura sinodal se torne mais intergeracional, com espaços que permitam que jovens falem abertamente com as suas famílias, com os seus contemporâneos e com os seus pastores, mesmo através dos canais digitais.

Faz-se a proposta de promover, em sede oportuna, o trabalho teológico de aprofundamento terminológico e concetual da noção e da prática da sinodalidade antes da Segunda Sessão da Assembleia, beneficiando do rico património de estudos posteriores ao Concílio Vaticano II e, em particular, dos documentos

da Comissão Teológica Internacional sobre *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2018) e *O sensus fidei na vida da Igreja* (2014).

Requerem um esclarecimento análogo as implicações canónicas da perspetiva da sinodalidade. A este respeito, propõe-se a instituição de uma comissão específica intercontinental de teólogos e canonistas, em vista da Segunda Sessão da Assembleia.

Parece que chegou o momento de rever o *Código de Direito Canónico* e o *Código dos Cânones das Igrejas Orientais*. Faça-se, então, um estudo preliminar.



## O novo caminho (juntos) a ser trilhado

O último mês de outubro de 2023 marcou uma nova etapa do processo sinodal em curso, depois da auscultação do Povo de Deus, dos encontros locais, diocesanos e nacionais e das assembleias continentais que reuniram e continuaram o discernimento em redor da problemática sinodal.

Os documentos finais das assembleias sinodais contribuíram significativamente para a construção do *Instrumentum Laboris* (IL) desta primeira sessão da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, realizada durante o mês de outubro. Foi um inédito conjunto de participantes sinodais que se encontrou em Roma, rezando juntos, dialogando e procurando encontrar respostas aos desafios levantados pelo *Instrumentum Laboris*.

A síntese dos trabalhos insiste na validade do processo, contestada por vários sectores católicos. O sentido do caminho sinodal “é envolver todos os baptizados”. Repita-se: “Leigos e leigas, consagrados e consagradas, diáconos e sacerdotes foram, com os bispos, testemunhas de um processo que pretende envolver toda a Igreja e todos na Igreja” e na assembleia deste mês no Vaticano “ressou a experiência de uma Igreja que está a aprender o estilo da sinodalidade e a procurar as formas mais adequadas para a realizar.

Certamente que não

terão encontrado respostas definitivas. Muito menos se podem esperar respostas que modifiquem o teor da mensagem da Igreja, que é a mensagem de Cristo. Poderão, contudo, ter avançado no discernimento comunitário e eclesial de como pode a Igreja Católica ser mais fiel à mensagem do Senhor, assumindo-se como comunidade de comunidades de discípulos missionários.

Da procura destas respostas, sublinharia duas questões essenciais. Em primeiro lugar a **Concretização**, ou seja, encontrar aspectos que, de uma forma ou de outra, possam ressoar, na escuta de uns dos outros e do Espírito Santo, como mais fortes, mais unânimes ou revestidos de particular significado entre a diversidade. É claro que sinodalidade, autoridade, participação, etc., são temas teologicamente difíceis e culturalmente diversos. Importa, contudo, encontrar aspectos unificadores que nos ajudem, enquanto Igreja, a clarificar a nossa acção. Certamente que essa concretização passará pelo assumir da nossa missão evangelizadora, e deverá também trazer luz sobre os modos concretos de a levar por diante. Que estruturas servem e precisam ser criadas ou renovadas? Que metodologias já não se aplicam, são obsoletas e descabidas?

A título de exemplo podemos recordar algumas das estruturas cuja importância foi sublinhada pelo Concílio: os conselhos

pastorais. **É preciso que o Sínodo continue a acontecer a nível das comunidades!** É fundamental rever o seu funcionamento e colocar em prática a sinodalidade, não só, mas também a este nível. Não podemos esperar que um bispo carregue isoladamente as problemáticas pastorais da diocese e que as possa superar apenas com a ajuda do seu clero. É preciso uma colaboração mais estreita, que não se resume à concretização de acções pastorais (tantas vezes apenas de manutenção ou de recreação) mas começa pelo discernimento conjunto – entre clero e leigos –, pelo cultivo das relações alicerçadas na oração, pela distribuição transparente de tarefas e consequente acompanhamento e avaliação.

Em segundo lugar, **ter a coragem de tomar decisões**. Nas vésperas desta sessão da Assembleia Geral, e graças a uma iniciativa da Comunidade de Taizé e da Secretaria do Sínodo dos Bispos, tive a oportunidade de participar uma conferência e num debate com o Cardeal Jean-Claude Hollerich, relator-geral desta Assembleia.

Quando questionado sobre a graça que desejava obter ao longo deste processo, pedi-nos que rezássemos para “ter a coragem de tomar decisões quando elas precisam de ser tomadas”. Esta noção acutilante e assertiva sobre o que esperamos deste

Sínodo reforça o nosso desejo de que todo este processo não se fique pelas palavras elaboradas, pelas reuniões agradáveis e pelas iniciativas mais ou menos entusiasmantes. É preciso querer escutar o Espírito Santo e, com Ele, saber discernir e saber decidir, em conjunto! É preciso ter coragem de combater eficazmente a célebre posição “sempre se fez assim”, confundindo a Tradição Apostólica com tradicionalismo e com comodismo.

Faltam ainda 12 meses para a conclusão deste Sínodo. Que seja possível reformular aquilo que tem de ser reformulado, exigindo ainda mais deste processo sinodal. É preciso exigir, é preciso ousar no “caminhar juntos”.

Que os próximos meses nos possam ser úteis para preparar a sessão da Assembleia Geral em Outubro de 2024.

Que este processo sinodal nos ajude a caminhar em Igreja, assembleia dos baptizados em Cristo e a dizer, em obediência ao Pai, “O Espírito Santo e nós decidimos...” (At 15, 28). Vamos em frente.

**Rui Lourenço Teixeira é médico e foi um dos participantes portugueses no Sínodo sobre os Jovens, realizado em 2018.**



## O Sínodo? A Igreja? Qual a minha esperança?

Jesus foi uma contradição. Contrariou todas as expectativas desde o seu nascimento. Os judeus esperavam um messias à sua imagem e semelhança, todo-poderoso, rei dos judeus (rei deste mundo). Jesus começou por nascer como um sem-abrigo, nem casa teve, nem sequer um quarto. Foi perseguido e teve de fugir. Comeu com todos, era amigo dos mais frágeis, dos excluídos do seu tempo. Acolheu todos, começando pelos últimos, pelos rejeitados, pelos considerados impuros. Tocou nos intocáveis, curou os doentes que naquele tempo eram excluídos da sociedade. Fez-se companheiro de caminho dos pescadores e de homens comuns. Foi amigo das mulheres que foram também suas discípulas. Não fez qualquer acepção de pessoas. Com os sacerdotes do Templo não teve vida fácil e foi por eles mandado matar. A Igreja (enquanto instituição) esquece-se muitas, muitas vezes de Jesus, do seu testemunho, da sua mensagem. Parece gostar de estar bem com os poderes deste mundo e

esquece frequentemente os mais fragilizados e marginalizados. Tem mais facilidade em estar com os ricos do que com os pobres e os excluídos. Decide quem pode e não pode viver em comunhão com Jesus no seio da Igreja, ou seja, arroga-se do direito de se sobrepôr à consciência de cada cristão. Ignora uma economia para as pessoas nas suas instituições de universitárias e alia-se à «economia que mata». O Papa Francisco vem insistentemente confrontando a Igreja, instituições e cristãos em geral, com esta postura e denunciando a contradição com a sua origem e fundamento. A Igreja ou é o conjunto de homens e mulheres que acreditam no Deus de Jesus Cristo, que querem viver segundo o seu testemunho e mensagem, como discípulos, ou não é nada. Pior, é um contra-sinal do que Jesus nos pede. O Papa convocou o sínodo pedindo e criando um processo de escuta, de reflexão, de encontro. Uma alteração do caminho de

toda a Igreja nas suas várias dimensões e realidades, instituições e crentes. Pede que passe ao diálogo, à escuta, a uma conversão verdadeira a Jesus, à coerência entre o que se diz e o que se faz.

Antes do início da assembleia-geral do Sínodo sobre a sinodalidade, pensei para mim mesma: Acredito no Espírito Santo, que Ele sopra onde quer e àqueles/as que lhe abram o coração. Tenho esperança de que o diálogo nesta primeira assembleia do sínodo possa abrir mentes e corações, fazer reflectir inteligências e principalmente criar abertura à inspiração do Espírito. Não tenho grandes esperanças imediatas, porque a mudança das sociedades, dos homens e das mulheres, é lenta, tem muitas resistências, hábitos e «crenças» profundamente instaladas. Mas tenho Esperança de que os homens e mulheres de boa vontade, que estarão reunidos, consigam abrir-se à acção do Espírito, porque acredito que Jesus estará realmente no meio deles. Tenho Esperança que o Espírito os ilumine por uma Igreja que seja mais simples, mais próxima de Jesus, um espaço de acolhimento, de encontro de todos os que têm vontade de viver na verdade, de construir a justiça, de defender os pobres e injustiçados, de reconhecer de facto igual dignidade de todos e cada um/a, de construir uma vida colectiva melhor, baseada no respeito por cada um, onde «Todos, Todos, Todos» tenham um lugar em paz.



**Isabel Viseu,**  
Assistente Social.  
Reformada.



A primeira assembleia sinodal, entretanto, já se realizou e, pelos ecos que vão chegando, continuo a ter Esperança. Importa continuar o caminho – a Igreja com cada um/a de nós.



## O Relatório de Síntese: uma Igreja que envolve todos e está próxima das feridas do mundo



Foi publicado o Relatório de Síntese na conclusão da XVI Assembleia Geral do Sínodo sobre a Sinodalidade. Tendo em conta a segunda sessão em 2024, são oferecidas reflexões e propostas sobre temáticas como o papel das mulheres e dos leigos, o ministério dos bispos, o sacerdócio e o diaconado, a importância dos pobres e migrantes, a missão digital, o ecumenismo e os abusos.

O documento tem 40 páginas, fruto do trabalho da Assembleia que "se realizou enquanto velhas e novas guerras assolam o mundo, com o drama absurdo de inúmeras vítimas". "O grito dos pobres, dos que são obrigados a migrar, dos que sofrem violência ou sofrem as consequências devastadoras das mudanças climáticas ressoou entre nós, não só através da comunicação social, mas também das vozes de muitos, pessoalmente envolvidos com as suas famílias e povos nesses trágicos acontecimentos", diz o documento (*Premissa*).

A esse desafio e a muitos outros, a Igreja universal tentou oferecer uma resposta nos Círculos Menores e nas intervenções.

Tudo foi reunido no Relatório de Síntese, dividido em três partes, que traça o caminho para o trabalho a ser realizado na segunda sessão em 2024. **Ouvir todos, começando pelas vítimas de abusos**

Como na *Carta ao Povo de Deus*, a assembleia sinodal reafirmou "a abertura para ouvir e acompanhar todos, inclusive aqueles que sofreram abusos e ferimentos na Igreja" (1 e). Ao longo do caminho a ser percorrido "rumo à reconciliação e à justiça", "é preciso abordar as condições estruturais que permitiram tais abusos e fazer gestos concretos de penitência".

**O rosto de uma Igreja sinodal**

A sinodalidade é um primeiro passo. Um termo que os próprios participantes do Sínodo admitem ser "desconhecido para muitos membros do Povo de Deus" e "desperta confusão e preocupação em alguns" (1 f), entre aqueles que temem um afastamento da tradição, um rebaixamento da natureza hierárquica da Igreja (1 g), uma perda de poder ou, ao contrário,

imobilidade e falta de coragem para mudar. Em vez disso, "sinodal" e "sinodalidade" são termos que "indicam um modo de ser Igreja que articula comunhão, missão e participação". Portanto, uma maneira de viver a Igreja, valorizando as diferenças e desenvolvendo o envolvimento ativo de todos. Começando pelos presbíteros e bispos: "uma Igreja sinodal não pode prescindir de suas vozes" (1 n), lê-se no documento. "Precisamos entender as razões da resistência à sinodalidade por parte de alguns deles".

**Missão**

A sinodalidade anda de mãos dadas com a missão. Portanto, é necessário que "as comunidades cristãs compartilhem a fraternidade com homens e mulheres de outras religiões, convicções e culturas, evitando, por um lado, o risco da autorreferencialidade e da autopreservação e, por outro, o da perda de identidade" (2 e). Nesse novo "estilo pastoral", parece importante para muitos tornar "a linguagem litúrgica mais acessível aos fiéis e mais incorporada à diversidade de culturas" (3 l).

**Os pobres ao centro**

Um amplo espaço no Relatório é dedicado aos pobres, que pedem à Igreja "amor" entendido como "respeito, acolhimento e reconhecimento" (4 a). "Para a Igreja, a opção pelos pobres e descartados é uma categoria teológica antes de ser cultural, sociológica,

política ou filosófica" (4 b), reitera o documento, identificando como pobres também os migrantes, os indígenas, as vítimas de violência, de abusos (especialmente mulheres), de racismo e tráfico, pessoas com vícios, minorias, idosos abandonados, trabalhadores explorados (4 c). "Os mais vulneráveis dos vulneráveis, para os quais é necessária uma defesa constante, são as crianças no ventre materno e suas mães", diz o texto da assembleia, que afirma estar "ciente do grito dos 'novos pobres' produzido pelas guerras e pelo terrorismo, também causado por 'sistemas políticos e económicos corruptos'".

**Compromisso dos crentes com a política e o bem comum**

Nesse sentido, exorta-se um comprometimento da Igreja tanto com a "denúncia pública das injustiças" perpetradas por indivíduos, governos e empresas quanto com o envolvimento ativo na política, nas associações, nos sindicatos e nos movimentos populares (4g). Sem descuidar da ação consolidada da Igreja nos campos da educação, da saúde e da assistência social, "sem qualquer discriminação ou exclusão de quem quer que seja" (4 k).

**Migrantes**

O foco concentra-se nos migrantes e refugiados, "muitos dos quais carregam as feridas do desenraizamento, da guerra e da violência". Eles "tornam-se uma fonte de renovação e enriquecimento para as

## O Relatório de Síntese: uma Igreja que envolve todos e está próxima das feridas do mundo (continuação...)

comunidades que os acolhem e uma oportunidade de estabelecer um vínculo direto com Igrejas geograficamente distantes" (5d). Diante de atitudes cada vez mais hostis em relação a eles, o Sínodo convida "a praticar uma acolhida aberta, a acompanhá-los na construção de um novo projeto de vida e a construir uma verdadeira comunhão intercultural entre os povos". Fundamental nesse sentido é o "respeito às tradições litúrgicas e às práticas religiosas", bem como à linguagem.

Por exemplo, uma palavra como "missão", nos contextos em que "a proclamação do Evangelho tem sido associada à colonização e até mesmo ao genocídio", está carregada de "um doloroso legado histórico" e dificulta a comunhão (5 e). "Evangelizar nesses contextos requer o reconhecimento dos erros cometidos, aprendendo uma nova sensibilidade para essas questões", afirma o documento.

### Combater o racismo e a xenofobia

Pede-se igual empenho e cuidado da Igreja "em educar para uma cultura do diálogo e do encontro, combatendo o racismo e a xenofobia, especialmente nos programas de formação pastoral" (5 p). Também é urgente "identificar os sistemas que criam ou mantêm a injustiça racial dentro da Igreja e combatê-los" (5 q).

### No caminho da unidade dos cristãos



No que diz respeito ao ecumenismo, fala-se de uma "renovação espiritual" que requer "processos de arrependimento" e "cura da memória" (7c); em seguida, cita a expressão do Papa de um "ecumenismo do sangue", ou seja, "cristãos de diferentes pertenças que juntos dão a vida pela fé em Cristo" (7d) e se relança a proposta de um martirólogo ecumênico (7o). O Relatório também reitera que a "colaboração entre todos os cristãos" é um recurso "para curar a cultura do ódio, da divisão e da guerra que coloca grupos, povos e nações uns contra os outros". Ele não esquece a questão dos chamados casamentos mistos, que são realidades nas quais "podemos evangelizar uns aos outros" (7 f).

### Leigos e famílias (PARTE II)

"Os leigos e as leigas, os consagrados e as consagradas, e os ministros ordenados têm igual dignidade" (8 b): esse pressuposto é reiterado

com força no Relatório de Síntese, que lembra como os fiéis leigos "estão cada vez mais presentes e ativos também no serviço dentro das comunidades cristãs" (8 e). Educadores na fé, teólogos, formadores, animadores espirituais e catequistas, ativos na salvaguarda e na administração: a sua contribuição é "indispensável para a missão da Igreja" (8 e). Os diferentes carismas devem, portanto, ser "evidenciados, reconhecidos e plenamente valorizados" (8 f), e não menosprezados, apenas suprimindo a falta de sacerdotes, ou pior, ignorados, subutilizados e "clericalizados" (8 f).

### Mulheres

Forte é o compromisso pedido à Igreja, então, para o acompanhamento e a compreensão das mulheres em todos os aspectos das suas vidas, incluindo os pastorais e sacramentais. As mulheres, diz o documento, "exigem justiça numa sociedade marcada pela violência sexual e

desigualdades económicas, e pela tendência de tratá-las como objetos" (9 c). "O acompanhamento e a forte promoção das mulheres andam de mãos dadas".

### Clericalismo e machismo

Muitas mulheres presentes no Sínodo "expressaram profunda gratidão pelo trabalho dos padres e bispos, mas também falaram de uma Igreja que fere" (9f). "O clericalismo, o machismo e o uso inadequado da autoridade continuam a marcar a face da Igreja e a prejudicar a comunhão". É necessária uma "profunda conversão espiritual e mudanças estruturais", bem como "um diálogo entre homens e mulheres sem subordinação, exclusão ou competição" (9 h).

### Diaconado feminino

As opiniões variam sobre o acesso das mulheres ao diaconato (9 j): para alguns, é um passo "inaceitável", "em descontinuidade com a Tradição"; para outros, restauraria uma prática da Igreja primitiva; outros ainda o veem como "uma



## O Relatório de Síntese: uma Igreja que envolve todos e está próxima das feridas do mundo (continuação...)

resposta apropriada e necessária aos sinais dos tempos" para "renovar a vitalidade e a energia da Igreja". Há ainda aqueles que expressam "o temor de que esse pedido seja a expressão de uma perigosa confusão antropológica, aceitando que a Igreja se alinhe com o espírito dos tempos".

Os padres e as mães do Sínodo pedem para continuar "a pesquisa teológica e pastoral sobre o acesso das mulheres ao diaconado", usando os resultados das comissões especialmente criadas pelo Papa e a pesquisa teológica, histórica e exegética já realizada: "se possível, os resultados devem ser apresentados na próxima sessão da Assembleia" (9 n).

### **Discriminação e abusos**

Enquanto isso, a urgência de "garantir que as mulheres participem dos processos de tomada de decisão e assumam papéis de responsabilidade no cuidado pastoral e no ministério" é reiterada, e o Direito Canónico deve ser adaptado de acordo (9m).

Os casos de discriminação no emprego e remuneração injusta também devem ser abordados, inclusive na Igreja, onde "as mulheres consagradas são frequentemente consideradas mão de obra barata" (9 o). Em vez disso, o acesso das mulheres à educação teológica e aos programas de formação deve ser ampliado (9 p), incluindo a promoção do uso de linguagem inclusiva em textos litúrgicos e documentos da Igreja (9 q).

### **Vida Consagrada**

Observando a riqueza e a variedade das diferentes formas de Vida Consagrada, adverte-se contra a "persistência de um estilo autoritário, que não abre espaço para o diálogo fraterno". É aqui que se geram casos de abusos de vários tipos contra pessoas consagradas e membros de agregações leigas, especialmente mulheres. O problema "requer intervenções decisivas e apropriadas" (10 d).

### **Diáconos e formação**

A gratidão é então expressa aos diáconos "chamados a viver o seu serviço ao Povo de Deus em uma atitude de proximidade com as pessoas, de acolhimento e de escuta de todos" (11 b). O perigo é sempre o clericalismo, uma "deformação do sacerdócio" a ser combatida "desde as primeiras etapas da formação", graças a "um contato vivo" com o povo e com os necessitados (11 c).

Nessa linha, pede-se também que os seminários ou outros cursos de formação dos candidatos ao ministério estejam ligados à vida cotidiana das comunidades (11 e), a fim de evitar "os riscos do formalismo e da ideologia que levam a atitudes autoritárias e impedem o verdadeiro crescimento vocacional".

### **Celibato**

Foi mencionado o tema do celibato, que recebeu diferentes avaliações durante a assembleia.

"Todos", pode-se ser no Relatório, "apreciam o seu valor profético e o testemunho de conformação a Cristo; alguns perguntam se a sua adequação teológica com o ministério sacerdotal deve necessariamente traduzir-se na Igreja latina numa obrigação disciplinar, especialmente onde os contextos eclesiais e culturais o tornam mais difícil. Esse não é um tema novo, que precisa ser aprofundado".

### **Bispos**

Há uma ampla reflexão sobre a figura e o papel do bispo, que é chamado a ser "um exemplo de sinodalidade" (12 c) ao exercer a "corresponsabilidade", entendida como o envolvimento de outros atores dentro da diocese e do clero, de modo a aliviar a "sobrecarga de compromissos administrativos e jurídicos" que muitas vezes atrapalham a sua missão (12 e). Juntamente com isso, o bispo "nem sempre encontra apoio humano e espiritual" e "a experiência dolorosa de certa solidão não é incomum" (12 e).

### **Casos de abusos**

Sobre a questão dos abusos, que "coloca muitos bispos na dificuldade de conciliar o papel de pai e o de juiz" (12 i), sugere-se "considerar a possibilidade de confiar a tarefa judicial a outro órgão, a ser especificado canonicamente" (12 i).

### **A escuta**

Com a mesma preocupação, o convite é

renovado para uma escuta "autêntica" das "pessoas que se sentem marginalizadas ou excluídas da Igreja, por causa da sua situação conjugal, identidade e sexualidade" e que "pedem para serem ouvidas e acompanhadas, e que a sua dignidade seja defendida". O seu desejo é "voltar para 'casa'", na Igreja, e "ser ouvido e respeitado, sem medo de se sentir julgado", afirma a Assembleia, reafirmando que "os cristãos não podem deixar de respeitar a dignidade de qualquer pessoa" (16 h).

### **Cultura digital**

Por fim, o Relatório de Síntese fala sobre o ambiente digital. O incentivo é para "alcançar a cultura atual em todos os espaços onde as pessoas buscam significado e amor, incluindo seus celulares e tablets" (17 c), tendo em mente que a Internet "também pode causar danos e lesões, por exemplo, por meio de bullying, desinformação, exploração sexual e dependência". É urgente, portanto, "refletir sobre como a comunidade cristã pode apoiar as famílias para garantir que o espaço online não seja apenas seguro, mas também espiritualmente vivificante" (17 f).



## Laudate Deum – um lembrete para a Igreja

A cada dia que passa, a crise climática agrava-se, decorrente de estarmos principalmente a emitir gases com efeito de estufa resultantes da queima de combustíveis fósseis que estão a levar a um aquecimento global e às consequentes alterações climáticas.

Em Maio de 2015, na carta encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco já tinha destacado este como um dos problemas-chave onde se teriam de fazer progressos, algo que viria a acontecer, com a aprovação do Acordo de Paris no quadro das Nações Unidas. Agora, a exortação apostólica *Laudate Deum*, que especifica e completa a encíclica de 2015, fixa-se praticamente no clima, o mais grave da crise ambiental.

Há poucas semanas, o secretário-geral António Guterres promoveu uma Cimeira de Ambição Climática, preparatória da Conferência anual da Convenção-Quadro sobre Alterações Climáticas que terá lugar no início de Dezembro no Dubai – a COP28. Foi neste tempo intermédio, em que a exortação foi publicada, como que um impulso extra para os políticos assumirem as suas responsabilidades.

Na *Laudate Deum*, a primeira ideia é a ligação dos impactos das alterações climáticas na vida de todos, principalmente dos mais frágeis – na saúde, no emprego, na habitação, nas migrações. Isto é, as consequências de um clima em mudança põem em causa

a dignidade humana de muitos. Recorrendo à ciência, mostra as evidências mais significativas dos principais relatórios, mostra como vivemos todos numa casa comum, apelando a olhar à volta porque é impossível ignorar as evidências.

A ligação entre o uso excessivo de recursos de um planeta encarado como supostamente ilimitado e a ideologia obsessiva pelo poder acabam por separar as pessoas da Natureza. Um mundo onde o dinheiro tudo paga e as relações entre as pessoas são de menor importância que o lucro de alguns. Temos de pensar nas gerações futuras e naquilo que é verdadeiramente o nosso papel como humanidade – qual o sentido da vida, do trabalho e do compromisso?

Quanto às relações internacionais, nomeadamente tendo por base o insucesso dos protocolos e acordos climáticos, há simultaneamente o reconhecimento de um multilateralismo que requer um novo equilíbrio que reconheça a relevância das potências emergentes com um quadro de cooperação mais eficaz.

Tal como na carta encíclica *Laudato Si'*, há sempre lugar a um espaço dedicado à Igreja Católica, que, em minha opinião, sempre teve dificuldades em lidar com este tema da sustentabilidade e de uma Casa Comum, tão importante na vida espiritual e religiosa de cada um e das comunidades, mas ao mesmo tempo sempre encarado de

forma exógena e desconfortável pela sua natureza.

Esta exortação surge também aqui como um lembrete à ação, oito anos depois da encíclica e três anos depois do ano *Laudato Si'*, para que os católicos não esqueçam que há ainda muito por fazer, por mudar, da escala local à global, alertando para as responsabilidades e para a necessidade dos católicos não deverem seguir a obsessão do poder que originou um mundo tão desigual, em que os mais fracos são os mais afetados pelas crises, em particular, pelas consequências das alterações climáticas.

Os combustíveis fósseis e a incapacidade de gerar alternativas energéticas renováveis são os grandes obstáculos a vencer. Por último, o Papa Francisco reconhece a dificuldade da próxima reunião no Dubai, num ambiente hostil a decisões contrárias ao petróleo, fornecendo uma receita para as negociações – serem eficientes, vinculadoras e monitorizáveis, onde o futuro seja posto acima dos países e empresas.

Para a Igreja Católica, esta exortação é um lembrete à ação, oito anos depois da encíclica e três anos depois do ano *Laudato Si'*, para que não se esqueça o muito por fazer, por mudar, da escala local à global. Mesmo que por vezes excessivos, o papa reconhece a necessidade do abanão de muitos activistas numa sociedade que tem de acordar e agir. Passemos também nós à ação.



**Francisco Ferreira,** é professor no Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT-NOVA) e investigador do CENSE (Centro de Investigação em Ambiente e Sustentabilidade). É licenciado em Engenharia do Ambiente pela FCT-NOVA, mestre por Virginia Tech nos EUA e doutorado pela Universidade Nova de Lisboa.



## Laudate Deum: A proposta de uma ecologia cristã para o século XXI



**Pe. Andreas Lind,**  
Foi ordenado sacerdote  
Jesuíta em 2016. É  
doutorado em Filosofia e  
docente na Pontifica  
Universidade Gregoriana,  
em Roma.

Com a nova Exortação Apostólica *Laudate Deum*, o Papa posiciona-se em relação às alterações climáticas. Entre ativistas apocalípticos e negacionistas irresponsáveis, surge Francisco que assume a seriedade do problema.

No latim tradicional da Igreja, introduz-nos à máxima do santo de Assis, que procurava “louvar a Deus em todas as Suas criaturas” (LD §1). E, assim, este apelo continua a ecoar hoje, tornando-se numa espécie de adágio para uma ecologia que se quer explicitamente cristã.

Oito anos após a publicação da *Laudato Si'*, o Sumo Pontífice volta a apresentar a «cosmovisão judaico-cristã» (LD §67) como horizonte de esperança para o futuro neste planeta. Se houver uma ecologia no magistério de Francisco, tratar-se-á certamente de fundar o respeito pela natureza na sua dependência em relação a Deus-Pai-Criador.

Quem ler *Laudate Deum* rapidamente perceberá que, para o Papa, não se trata apenas de preservar o meio ambiente. Francisco insere a questão no contexto mais alargado da dignidade da pessoa humana, cujo respeito se estende a todas as dimensões da sua vida, incluindo o âmbito da fé e da moral. Segundo o Sumo Pontífice, «trata-se dum problema social global (...) intimamente ligado à dignidade da vida humana»; uma questão, portanto, que vai muito para além da «abordagem meramente ecológica» (LD §3).

É, por isso, necessário que «duma vez por todas

acabemos com a atitude irresponsável que apresenta a questão apenas como ambiental, «verde», romântica». Convém admitir «que se trata dum problema humano e social em sentido amplo e a diversos níveis» (LD §58).

A figura de São Francisco é -nos proposta como modelo. Ao amar Deus acima de tudo, o *poverello* tornou-se num simples irmão de todas as criaturas a quem o Pai do Céu deu existência. De facto, nada nos faz amar mais o mundo do que a fé no seu Criador.

E quanto ao santo de Assis, ele não podia respeitar e cuidar mais dos animais, das plantas, da água... enfim, de todos os seres que com ele coabitavam a mesma terra. Para ele, era inconcebível que esse amor pela natureza pudesse entrar em concorrência com o louvor a Deus, acima de todas as coisas.

Inspirado por essa visão, ou mais precisamente por essa experiência de fé, o Papa coloca propositadamente Deus no centro do louvor humano. Pois, de facto, sempre que ocupamos «o lugar de Deus» como detentores da verdade, acabamos por destruir os laços que nos unem e o mundo que nos é dado (cf. LD §73). Uma sã ecologia precisa de um ser humano suficientemente humilde para assumir que o mundo não foi feito segundo os seus caprichos.

Quem se julga autossuficiente e todopoderoso será incapaz de viver em conexão com as outras criaturas das quais também depende.

É por isso que o mundo não precisa de donos da verdade nem de senhores da história. Essa é a arrogância de uma certa «cultura pós-moderna» que o Papa critica e que julga situar-se na raiz do problema. Com efeito, para Francisco, o «paradigma tecnocrático», que prescindiu de Deus, «está na base do processo atual de degradação ambiental» (LD §20), pelo menos no que às causas antrópicas diz respeito.

Trata-se de uma ideologia, segundo a qual o ser humano pode, e deve, conhecer, prever, dominar e transformar o mundo a seu bel-prazer (cf. LD §22). Nesse contexto, situamo-nos num horizonte sem Deus, onde impera uma mentalidade essencialmente individualista, cuja «liberdade» se exerce sobretudo por quem detém poder, seja tecnológico, financeiro ou político (cf. LD §36).

À medida que formos pensando e agindo a partir desse paradigma, que o Papa designa por «tecnocrático», acabamos por nos separar da natureza. A solução passa, portanto, por contemplar esta terra de «dentro» e não como um mero espectador que a observa desde «fora» (cf. LD §25; citando LS 220).

Só assim será possível definir com razoabilidade os tempos e os modos desta transição, por forma a proteger a casa comum e os irmãos que nela vivem.



## Laudate Deum. A crise climática

Com data de 4 de Outubro, o dia da festa de São Francisco de Assis, e 8 anos depois da publicação da encíclica *Laudato Sí*, Francisco publicou a *Exortação Apostólica Laudate Deum*, com a intenção de partilhar com todas as pessoas de boa vontade a sua "profunda preocupação pelo cuidado da nossa casa comum", porque, "com o passar do tempo, dá-se conta de que não estamos a reagir de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe está-se esboroando e talvez aproximando de um ponto de ruptura.

Entre a primeira afirmação do texto: "Louvai a Deus (*Laudate Deum*) por todas as suas criaturas" e a última: "*Laudate Deum* é o título desta carta, porque um ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior inimigo para si mesmo, Francisco desenvolve o seu grito profético em cinco pontos: 1. a crise climática global; 2. o crescente paradigma tecnocrático; 3. a fragilidade da política internacional; 4. as conferências sobre o clima e o que se espera da COP28, no Dubai; 5. as motivações espirituais: um "antropocentrismo situado".

**1** Começa por chamar a atenção contra os negacionistas. Escreve: "Por muito que se tente negá-los, escondê-los, dissimulá-los ou relativizá-los, os sinais das alterações climáticas impõem-se-nos de forma cada vez mais evidente." E dá exemplos dos últimos anos: fenómenos extremos, períodos frequentes de calor anormal, seca e "outros gemidos da Terra que são

apenas algumas expressões palpáveis de uma doença silenciosa que nos afecta a todos". E, se não se tomar medidas, há a ameaça de esses fenómenos extremos se tornarem mais frequentes e intensos. E é necessário sublinhar que se trata de um fenómeno global e não se pode atribuir a culpa aos pobres, pois "a realidade é que uma reduzida percentagem mais rica do planeta polui mais do que os 50% mais pobres de toda a população mundial".

**2** "A origem humana - "antrópica" - das alterações climáticas já não se pode pôr em dúvida." Foi com o progresso industrial que as emissões dos gases com efeito de estufa, causadoras do aquecimento global, sofreram aumento: nos últimos 50 anos "a temperatura aumentou a uma velocidade inédita".

O que está na base deste processo de degradação ambiental é o paradigma tecnocrático. Nunca a Humanidade teve tanto poder, mas "nada garante que o utilizará bem, sobretudo se se considerar a maneira como o está a fazer". O aumento de poder não significa sempre um progresso para a Humanidade, pois pode destruir a vida. Desgraçadamente, "a lógica do máximo lucro ao menor custo, disfarçada de racionalidade, progresso e promessas ilusórias, torna impossível qualquer preocupação sincera com a casa comum".

**3** É evidente que estas questões são globais. Por isso, frente à fragilidade da política

mundial, Francisco insiste na necessidade de "favorecer os acordos multilaterais entre os Estados". "Não basta pensar nos equilíbrios de poder, impõe-se também responder aos novos desafios e reagir com mecanismos globais aos desafios ambientais, sanitários, culturais e sociais, sobretudo para consolidar o respeito dos Direitos Humanos mais elementares, dos direitos sociais e do cuidado da casa comum."

**4** É verdade que há já decénios que os representantes de mais de 190 países se reúnem para enfrentar a questão climática, mas o que se passa é que "os acordos tiveram um baixo nível de implementação, porque não se estabeleceram mecanismos adequados de controlo, revisão periódica e sanção das violações." Avisa quanto ao limite ideal máximo de aumento global da temperatura de 1,5 graus do Acordo de Paris: em breve poderemos atingir "o risco de um ponto crítico": 3 graus. A próxima Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, de 30 de Novembro a 12 de Dezembro próximo, tem lugar no Dubai.

Francisco, que estará presente, espera que constitua "um ponto de viragem", que "se torne histórica". Para isso, repete: "Para que se quer preservar hoje um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário fazê-lo?"

**5** O Papa dirige-se a todas as pessoas de boa vontade. Quis, porém, reservar um ponto



**Pe. Anselmo Borges,**  
É padre da Sociedade  
Missionária Portuguesa.

para as motivações espirituais, concretamente no contexto da *Bíblia*, que conta que "Deus criador, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa". A terra pertence-Lhe e os seres humanos são "hóspedes". Assim, "a responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo". É claro que o ser humano é especial e único, tem "um valor peculiar e central no meio do concerto de todos os seres, mas hoje somos obrigados a reconhecer que só é possível defender um "antropocentrismo situado", ou seja, reconhecer que a vida humana não se pode compreender, nem sustentar, sem as outras criaturas."

## A urgência do agir.

## A propósito da Exortação Laudate Deum



**Juan Ambrósio,**  
Mestre em Teologia  
Sistemática e Licenciado  
pela Faculdade de Teologia  
da UCP. Tem a  
profissionalização em  
Educação Moral e Religiosa  
Católica obtida na mesma  
Faculdade.

Escrevo estas linhas no dia em que se dá início ao encontro da COP 28 no Dubai. Sobre ele tem-se falado muito, pois a urgência de decisões concretas, capazes de promover alterações nos nossos estilos de vida, faz-se sentir de um modo cada vez mais premente. São cada vez mais os que dizem não podermos continuar a falar da necessidade dessas mudanças, sem fazer nada de verdadeiramente substancial a esse respeito. Este é mesmo o tempo de, com coragem, tomarmos decisões. Entre aqueles que mais lucidamente nos têm chamado a atenção para esta realidade encontra-se, sem dúvida, a do papa Francisco.

Como todos estamos lembrados, em 2015 dirigiu a todos a Exortação Apostólica *Laudato si'*, propondo-nos e convocando-nos para a reflexão sobre uma Ecologia Integral, tão necessária para o Cuidado da Casa Comum. Desde então, a sua voz tem-se feito ouvir, lembram-nos sempre a importância do exercício deste cuidado. Testemunho inequívoco disso é aquilo a que tenho chamado a «Constelação Laudato si'», constituída por um conjunto de textos e ações (a Semana *Laudato si'*, o Tempo da Criação, o Ano *Laudato si'*, A Plataforma de Ação *Laudato si'*, os objetivos *Laudato si'*, a Exortação Querida Amazônia) que constantemente nos focam a atenção no grito da terra e no grito dos pobres.

No último dia 4 de outubro um novo texto - a Exortação *Laudate Deum* - incorporou esta constelação,

intensificando o convite à mudança e à ação, no que ao cuidado da casa comum diz respeito. Logo no início, o próprio papa diz a razão por que o escreveu:

*“Já passaram oito anos desde a publicação da carta encíclica Laudato si', quando quis partilhar com todos vós, irmãos e irmãs do nosso maltratado planeta, a minha profunda preocupação pelo cuidado da nossa casa comum. Mas, com o passar do tempo, dou-me conta de que não estamos a reagir de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe, está-se esboroando e talvez aproximando dum ponto de rutura.” (nº2)*

Não estamos mesmo a reagir de modo satisfatório e por isso o Papa insiste:

*“Duma vez por todas acabemos com a atitude irresponsável que apresenta a questão apenas como ambiental, «verde», romântica, muitas vezes ridicularizada por interesses económicos. Admitamos, finalmente, que se trata dum problema humano e social em sentido amplo e a diversos níveis. Por isso requer-se o envolvimento de todos.” (nº 58)*

Nesta Exortação, denuncia-se, de um modo claro e inequívoco, o crescente paradigma tecnocrático, a partir do qual se olha para o planeta como um objeto de exploração, de utilização desenfreada e de ambição sem limites (cf. nº 25). Por isso nela se alerta para o perigo da concentração da

riqueza e do poder na mão de poucos (cf. nº 23). Por isso nela se refere a fragilidade da política internacional que não tem sabido, mas também não tem querido, tomar as atitudes necessárias, sendo, por isso, necessário redesenhar o multilateralismo, de modo a possibilitar a adoção de novos procedimentos, uma vez que aquilo que tem sido feito não se tem revelado nem suficiente, nem eficaz (cf. Cap. 7). Por isso nela se constata que, apesar de alguns avanços e conquistas, é necessário definitivamente mudar de hábitos e de estilos de vida, interpelando todos os intervenientes da COP 28, a serem estratégias capazes de pensar mais no bem comum e no futuro dos seus filhos, do que nos interesses de alguns continentes, países ou empresas (cf. nº 60).

E para os que nos assumimos como cristãos, acresce ainda o compromisso que decorre da própria fé, que, defendendo o valor peculiar e central do ser humano no meio do maravilhoso concerto de todos os seres criados por Deus, reconhece também que a vida humana não se pode compreender nem sustentar sem a outras criaturas com os quais formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (cf. nº 67). Nesse sentido, e ao contrário do que por vezes se tem afirmado em alguns setores, mesmo dentro da Igreja católica, o verdadeiro Louvor a Deus pressupõe e exige o cuidado pela casa comum e pelo humano comum.





O jornalista Rui Saraiva acredita que os jovens vão responder com “alegria, paz e fraternidade” aos desafios colocados pela Igreja e convida-os a olhar para a

“horizontalidade” da primeira sessão da Assembleia do Sínodo dos Bispos, que o Vaticano acolheu em outubro. Segundo este jornalista, a

resposta a ser dada pelos jovens é manter a alegria, manter o registo de paz, fraternidade, de afirmação de valores fundamentais neste tempo histórico. Os jovens podem olhar para as mesas redondas, todas ao mesmo nível, sem existir uma definição de hierarquia e, percebendo esse esforço de «todos, todos, todos» serem chamados e incluídos, creio que está uma marca fundamental para que os jovens percebam qual o caminho da Igreja que os tem muito em conta e é este caminho de sinodalidade. O coordenador do livro **‘Não temos medo – reflexões sobre a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 e o caminho sinodal’**, que apresenta 19 textos de diferentes autores que olham para a experiência em agosto e para o processo sinodal em curso na Igreja católica, reconhece um caminho de “horizontalidade” que tem vindo a ser feito. Este livro procura ser um contributo neste sentido. Os jovens vão ser capazes disso, já desde o encontro de agosto que

mostrou ser um exemplo inspirador para o que está já a acontecer. «Não temos medo – reflexões sobre a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 e o caminho sinodal», da Paulinas editora, apresenta 17 reflexões de “pessoas muito diferentes entre si – três sacerdotes e duas religiosas, mas também políticos, professores universitários, jornalistas, profissionais liberais”, um prefácio de Paulo Portas e o posfácio do padre Paulo Terroso, da comissão de comunicação da secretaria-geral do Sínodo no Vaticano. “É importante que haja espaços de diálogo, de encontro, lugares de sinodalidade. Os jovens querem viver a experiência da JMJ – viver em paz e fraternidade, de mãos dadas sem preocupações com hierarquias, lugares – eles queriam viver aquela experiência”, traduz. Rui Saraiva explica que o título da obra, «Não temos medo», é apresentado sem pontuação para que cada leitor possa “inquietar-se” e contribuir para a reflexão.



**Alice Carla Campos**

O acolhimento de uma família na JMJ foi algo muito bonito porque nós quando acolhemos alguém que é de fora, que não é da nossa família, eu pelo menos fui educada a que se desse o melhor lugar, se fizesse a melhor comida, se cedesse o melhor quarto e começou logo com um trabalho de acolhimento e de pensarmos quem é que iria disponibilizar o seu próprio quarto. Um dos meus filhos deu o quarto ao Gaspar e o outro quarto, que é normalmente o quarto de hóspedes, ficou para a Astrid.

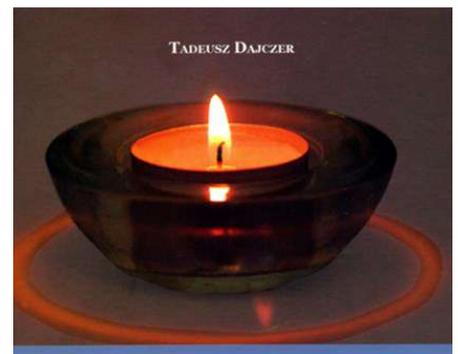
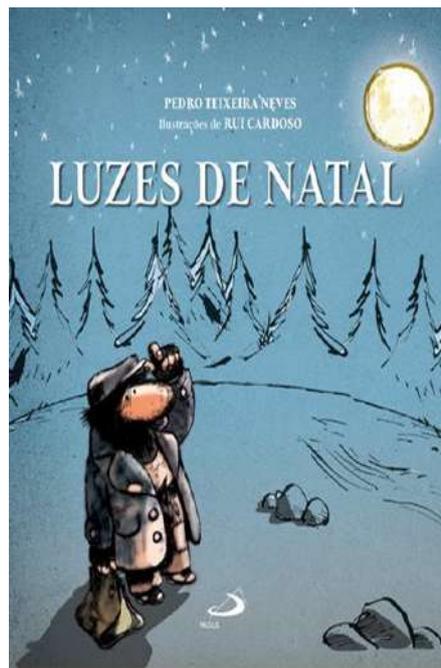
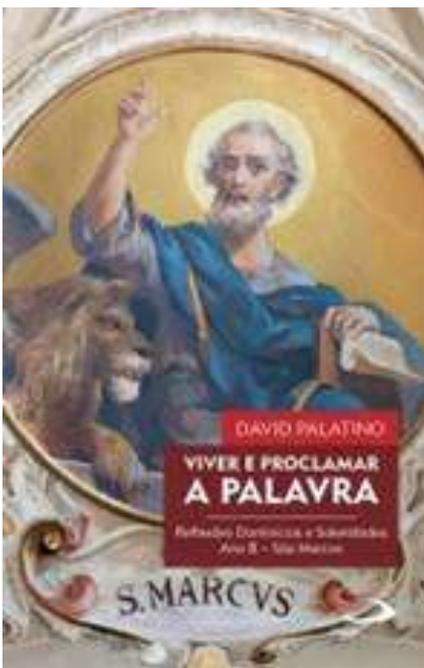
No acolhimento não tivemos a oportunidade de estar assim tanto tempo com estes jovens, porque eles tinham uma agenda muito ocupada, porém, tudo aquilo que foi a partilha da vivência de Jesus Cristo na nossa vida foi algo maravilhoso e que sou desafiada a relatar através destas palavras. Desde o sabor dos alimentos, ao perfume que pairava no ar, ao toque e ao diálogo com os meus filhos, com os meus pais, com a minha irmã e sobrinhos foi algo muito, muito bonito e que vai ficar para a nossa vida.

No último momento, no domingo, lemos um texto em português e em francês onde agradecemos a dádiva da nossa existência, agradecemos e pedimos graças para as nossas famílias.

As jornadas para nós foram a revelação desse amor, desse amor que vem sendo construído e que nos faz pessoas mais completas, integrais e mais próximas daquilo que são os desígnios de Deus em cada um dos seus filhos.

# Sugestão de Leituras | Galeria Paz de Espírito

16 | O Alforge | dezembro 2023



## Santo e Feliz Natal

